

“PAI É PAI, Tem Que Acompanhar”: o Pai no Processo de Parturição Sob a Ótica de uma Equipe de Enfermagem de um Hospital Geral¹

Evandra Shmidt Piovesan², Joseila Sonogo²
e Isabel Cristina Pacheco Van der Sand³

Resumo

Percebendo, em nosso cotidiano, que o homem raras vezes acompanha sua esposa em sala de parto e pensando que a participação paterna no nascimento traz benefícios para todos os envolvidos no processo de parto, realizamos uma pesquisa qualitativa, estudo de caso do tipo etnográfico, buscando conhecer a percepção dos elementos da equipe de enfermagem sobre a possível participação do pai no nascimento e identificar as ações de enfermagem em relação a essa participação. Realizamos observação-participante e entrevista aberta a quatro integrantes de uma equipe de enfermagem da unidade obstétrica de um hospital geral. Na análise dos dados seguimos os

¹ Trabalho conclusão das disciplinas de Enfermagem em Saúde da Mulher e Enfermagem em Saúde da Criança.

² Aluna da disciplina de Enfermagem em Saúde da Mulher (6o semestre) do curso de Enfermagem da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí.

³ Professora orientadora, mestre em Enfermagem Obstétrica.

passos metodológicos preconizados por Minayo (1994) e para interpretação dos resultados utilizamos o referencial teórico de Madeleine Leininger. Emergiram quatro temas. Com o estudo percebemos que há um descompasso entre discurso e prática, pois o relato de que a maioria dos partos é acompanhada pelo pai não condiz com a realidade dessa instituição.

Palavras-chave: paternidade, nascimento, equipe de enfermagem, cuidado cultural

“Father Who is Father, He Has to Accompany”: the Father in the Parturition Process Under the Optics of a Nursing Team of a General Hospital

Abstract: Noticing, in our daily routine, that the man rarely accompanies its wife in childbirth room and thinking that the paternal participation in the birth brings benefits for everybody involved in the childbirth process, we accomplished a qualitative research, in order to perform study of case of ethnographic type looking for to know the perception of the elements of nursing team about the father’s possible participation in the birth and to identify the nursing’s actions in relation to the father’s participation in the parturition process. We accomplished participant-observation and open interview to four integrants of a nursing team in the obstetric unit of a general hospital. In the analysis of data we followed the methodological steps by Minayo (1994) and for interpretation of the results, we used theoretical references from Madeleine. Four themes emerged. We noticed with the study that there is a controversy between speech and practice, because the report that most of the childbirths are accompanied by the father isn’t correspondent with the reality of that institution.

Keywords: fatherhood, birth, nursing team, cultural care.

Introdução

No decorrer das nossas atividades acadêmicas no campo hospitalar (unidade obstétrica e neonatológica) vivenciamos situações que nos trouxeram inquietações e conseqüente interesse em compreendê-las.

Ao acompanharmos mulheres em trabalho de parto e parto, constatamos que a participação do companheiro da parturiente nesse momento acontecia em raras ocasiões, sendo essas no período pré-parto, pois em nenhuma das vezes em que estávamos em sala de parto observamos a presença do pai. Esses acontecimentos nos motivaram para desenvolver o presente estudo.

A presença do pai ao lado da parturiente, vivenciando com ela a experiência do nascimento nos parece ser de suma importância para que a mulher sinta-se cuidada nesse momento de sua vida. Cabe ressaltar que nos referimos ao homem que teve participação ativa em todo o processo de gestação, pois pensamos ser necessário que a mulher sinta segurança, confiança e liberdade em relação a esse companheiro.

Enquanto futuras profissionais da saúde, percebemos o quanto é fundamental que a equipe de enfermagem conheça o que o homem pensa sobre seu papel no âmbito da família e da sociedade, pois tal conhecimento poderá orientá-la na assistência prestada ao casal em sala de parto, lembrando que os sentimentos e os valores das pessoas devem sempre ser levados em conta no cuidar de enfermagem. Tal concepção tem por base o referencial teórico metodológico de Madeleine Leininger, teórica americana que elaborou a teoria da Universalidade e Diversidade Cultural do Cuidado, sob construtos da antropologia e do cuidado de enfermagem.

Motivadas pelas situações presenciadas passamos a nos questionar sobre qual seria a percepção da equipe de enfermagem do hospital em que realizamos nossas práticas, em relação à possível participação do pai na sala de parto. Com base nessas inquietações construímos os objetivos deste estudo:

- conhecer a percepção dos elementos da equipe de enfermagem sobre a possível participação do pai no trabalho de parto e parto;
- identificar as ações da enfermagem em relação à participação do pai no trabalho de parto e parto.

O Que Dizem os Autores

Sobre a Participação do Pai no Processo de Nascimento

No momento da concepção, o homem e a mulher, seres diferentes biologicamente, participam contribuindo de maneira idêntica na geração dos filhos, no entanto, segundo Nakano; Shimo (1995, p.667) *“o gerar, o parir e o amamentar são condições biológicas que somente a mulher provê”*. E, talvez seja por esse motivo que a mulher envolve-se de forma mais ativa no nascimento e criação dos filhos, colocando assim o papel do pai em segundo plano. Inclusive, toda a atenção e cuidados por parte da comunidade e dos profissionais da saúde são atribuídos à mãe.

“A participação paterna e materna vai além da esfera puramente biológica, trazendo outros determinantes e caracterizando o papel reprodutivo e socialmente construído” (Idem, p.657). Assim, o ser pai e o ser mãe é determinado pela sociedade, e está envolto por estereótipos convencionais, que configuram o ser homem e o ser mulher com referência às suas crenças, mitos e valores.

Com base na ideologia dos diversos padrões sociais, ao homem é atribuído o ato de prover, sustentar a família e mostrar o “mundo” a seu filho, evitando demonstrar insegurança e fraqueza. Já para a mulher, tem-se uma concepção diferente, a ela é cobrado o dom de maternar, a ela cabe estar ao lado dos filhos, oferecendo seu colo e seus cuidados.

Tractenberg (2000), aponta que algumas observações permitem comprovar que o homem, quando unido à sua esposa, também “engravidar” no momento em que ela concebe um novo ser. Isso pode ser comprovado por estudos antropológicos que nos mostram a prática da *couvade*, em muitas tribos indígenas. Nessa, quando a mulher está grávida, o pai da criança deita-se em uma rede e é cuidado com dedicação pelos componentes da tribo e também fica impedido de realizar qualquer tipo de tarefa.

No que diz respeito à prática da *couvade*, Threthovan citado por Maldonado; Nahoum; Dickstein (1985), sugere que essa deve-se a modificações fisiológicas ligadas ao comportamento paterno, portanto, expressa simbolicamente a participação e o envolvimento do marido na gravidez da mulher.

Em relação à participação do pai no parto, podemos afirmar que apesar dele não estar fisicamente presente no local em que seu filho viria a nascer, sua participação nessa ocasião, em geral, não é nula. Kitzinger (1978), em um estudo antropológico, afirma que o pai precisava estar por perto do local em que estava acontecendo o parto, pois acreditava-se que a saúde e a vida do bebê dependiam de suas ações. Ele não poderia sair com outra mulher, polir sua lança ou ir pescar no dia do nascimento do bebê, pois se qualquer uma dessas situações ocorresse, a vida da criança correria risco. Dessa forma dava-se a participação do homem no momento do parto, evidenciando que esta ação era realizada por razão de uma obrigação que a sociedade destinou ao homem.

Até meados do século XX, na sociedade ocidental, ao lado da parturiente estavam as mulheres, pois a elas cabia auxiliar a nova mãe tanto física como emocionalmente. O parto, referendado por Arruda (1989, p.35), era um,

“espaço feminino por excelência, com o ir e vir aflito da vizinhança, parentes e amigas à cabeceira da mulher, contando casos, oferecendo-lhe chás, dando sugestões, compartilhando o sofrimento, acompanhando solícitas os movimentos da parreira”.

Porém, os anos passaram e muitas mudanças aconteceram no âmbito social. Podemos mencionar como um fator de importância que contribuiu para essas transformações, o movimento feminista. Sua existência desencadeou modificações no papel social e na vida das mulheres, como também repercutiu diretamente na organização familiar.

O movimento feminista teve como idéia principal a desmistificação da tradicional divisão de papéis sexuais e, dessa forma, possibilitou à sociedade repensar e fazer uma avaliação crítica sobre as diferenças sociais entre o ser homem e o ser mulher.

A partir desse movimento a mulher libertou-se de velhos modelos relacionados ao seu gênero. Noronha, Lopes e Montgomery (1993) apontam algumas transformações na figura da mulher/mãe que são importantes e acreditamos ser válido destacá-las. A mulher moderna tem acesso à contracepção, o casamento passou a ser uma opção e ela, agora, é também chefe de família. As feministas conquistaram participação na política e maior liberdade sexual, diminuindo assim, a idealização da gravidez/parto e amamentação. Agora, a mulher tem outros valores, busca em sua vida alcançar objetivos que vão além daqueles relacionados ao seu papel social enquanto figura materna.

Como já foi mencionado anteriormente, o movimento feminista repercutiu também no abandono de estereótipos de masculinidade rígidos, fazendo com que houvessem modificações nas relações homem/mulher. Ao homem, permitiu-se vivenciar o processo reprodutivo com intensidade, colocando-se a partir dessa ocasião como sujeito do processo e não como alguém que contribui apenas para o início da vida de seus filhos, ou seja, na concepção.

Percebe-se, então, que ocorreu uma mudança no papel do pai no âmbito doméstico. Este passou a participar das atividades tradicionalmente femininas, como preparar comida, limpar a casa e cuidar das crianças. Essa mudança de atitude, segundo Romalis (1981), aconteceu por influência da transformação da economia, especialmente no momento em que a mulher conquistou o direito a um emprego lucrativo e quando houve redução do trabalho manual pesado.

Apesar de todo o avanço na participação do pai no processo gravídico-puerperal e cuidados com a criança, a literatura sobre gravidez e parto ainda dedica espaço restrito a essa questão. E esse é um fato que nos causa inquietações, tendo em vista a importância do pai no desenvolvimento de seus filhos, desde o momento da concepção, como também, no papel de companheiro participativo ao lado de sua mulher.

O pai também passa a ser favorecido quando tem a oportunidade de ser um integrante ativo da gestação e nascimento de seus filhos. Para Montgomery (1997, p.56) *“a paternidade sobrevém como fonte de energia, força, criatividade e coragem para continuar lutando. É o reforço do sentimento de amor pela vida”*.

No que se refere aos benefícios para a mulher, Macy e Falker (1981, p.75) apontam que *“há sólidos fundamentos para supor que, para a mulher, o marido é a peça – mestre que permite o desenrolar suave de todo o seu ciclo de transição da gravidez à maternidade”*.

A importância da participação do pai não é restrita à gestação, ela faz-se essencial, em todo o processo, incluindo o momento do nascimento do bebê, o que significa que o homem tem o direito de acompanhar sua esposa na sala de parto. Lembrando que para isso o casal deve expressar o desejo de compartilhar a ocasião do parto, Soifer (1980) ressalta que as mulheres que tiveram a possibilidade de realizar seu parto com o companheiro ao lado são unânimes em salientar suas vantagens.

Quando o homem se aproxima da mulher e vive com ela a experiência do trabalho de parto e parto, prestando-lhe apoio, cuidados emocionais e, principalmente, estando perto, ele também se aproxima da criança. *“É muito mais fácil para o pai estabelecer um relacionamento com o bebê, se assistir o parto”* (Macy e Falker, 1981, p.74).

Como no caso da mulher, para o homem, o parto é também um momento de transição para um *status* nunca vivido antes: o de ser pai, não importando se é pela primeira, segunda, ou terceira vez, pois cada uma é um novo acontecimento que pode gerar no homem ansiedade, estresse, medo e sensações de alegria.

O entendimento do que o casal pensa, das suas concepções sobre a presença do pai na sala de parto parece-nos que deve fundamentar as ações da equipe de enfermagem. Para isso consideramos que a equipe poderia subsidiar sua prática através da Teoria da Diversidade e Universalidade Cultural do Cuidado, pois por meio dos seus princípios estaria contribuindo para uma melhor compreensão da cultura, de modo a evitar choque cultural e uma assistência etnocentrista. Choque cultural, de acordo com Leininger (1991), pode ocorrer quando um estrangeiro (no caso os membros da equipe de enfermagem) tenta compreender um grupo cultural diferente (os casais “grávidos”), ou adaptar-se, efetivamente, a ele, experimentando, provavelmente, sensação de desconforto e desamparo, e algum grau de desorientação, porque haverá diferenças nos valores, nas crenças e nas práticas culturais. A assistência etnocentrista, por sua vez, ocorre quando supervalorizamos nossa cultura em detrimento da cultura daquele a quem pretendemos assistir.

Leininger (1991), em sua teoria, apresenta três tipos de ações de enfermagem que possuem uma base cultural. São elas:

- Preservação/manutenção cultural do cuidado: focaliza o apoio, o auxílio ou a capacitação do cliente para que se mantenha saudável, para a cura de uma patologia ou para que enfrente a morte.
- Acomodação/negociação cultural do cuidado: centraliza seu foco em adaptar, ajustar ou negociar as ações do cuidado, de modo a oferecer benefícios à saúde do cliente, preservando e valorizando seus valores culturais.
- Repadronização/reestruturação cultural do cuidado: refere-se ao cuidado que visa modificar padrões de vida e saúde de uma pessoa ou grupo para outros que sejam mais benéficos. Cabe ressaltar que quando há necessidade de intervir na maneira com que as pessoas estão resolvendo suas dificuldades é preciso que tenhamos muita cautela, pois provavelmente a concepção de vida/saúde que elas possuem seja diferente da nossa, sendo que, não podemos impor nossos valores e crenças quando estamos ajudando a decidir caminhos para outras pessoas.

Enfim, a autora focaliza a importância da compreensão das semelhanças (universalidades) e das diferenças (diversidades) dos povos. Ela fala a respeito da importância da percepção, por parte da enfermeira, da cultura, do cliente e dela própria. A autora enfatiza também o cuidar e o cuidado como o domínio predominante e principal da enfermagem.

Tendo por fundamentação a teoria de Madeleine Leiniger, percebemos que a equipe de enfermagem ao assistir o casal durante o processo de nascimento deve buscar conhecer sua visão de mundo no que diz respeito a participação do pai/companheiro da gestante nesse processo. Assim, o convite para entrada do pai em sala de parto deve pautar-se, sob nosso ponto de vista, no conhecimento dos valores, das crenças, enfim em todos os elementos constituintes da cultura. Com esta postura a enfermagem estará construindo uma nova forma de cuidar.

Procedimentos

Metodológicos

O estudo constituiu-se em uma investigação qualitativa, um estudo de caso, que possuiu como técnicas de coleta de dados a observação-participante e a entrevista em profundidade. A investigação qualitativa, segundo Minayo (1999, p.21, 22):

“[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificada. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

O estudo de caso é descrito por Triviños (1987, p.133) como *“uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente”*. Lüdke e André (1986, p.17), por sua vez, recomendam seu uso *“quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo...”*

A etapa de observação participante aconteceu durante nossas práticas em unidade obstétrica e neonatológica em um hospital geral de grande porte no Noroeste do estado do Rio Grande do Sul, quando acompanhamos a atividade cotidiana da equipe de enfermagem ao prestar assistência para o “casal grávido”.

A partir dessa etapa, realizamos entrevistas não estruturadas, gravadas em fita cassete, com quatro integrantes da equipe de enfermagem do já mencionado hospital (duas auxiliares, uma técnica e uma atendente de enfermagem), com a pergunta norteadora: “Qual é a sua opinião a respeito da possível participação do pai no processo de parturição?” A opção por esses membros da equipe de enfermagem deu-se em vista de que na instituição onde ocorreu o estudo são, em geral, esses elementos que assistem diretamente à parturiente e seus familiares. A enfermeira da unidade não teve disponibilidade para participar do processo de coleta de dados.

Para análise dos dados utilizamos a orientação metodológica de Minayo (1994), que preconiza os seguintes passos:

1. Ordenação dos dados – transcrição das fitas cassetes, releitura do material, organização dos relatos;
2. Classificação dos dados – leitura exaustiva e repetida dos textos, constituição de um “corpus” de comunicação, leitura transversal de cada corpo com o recorte de “unidade de registro”, enxugamento da classificação por temas mais relevantes;
3. Análise final – levando em conta os objetivos da pesquisa e os temas que emergem das entrevistas.

Descrição

e Análise dos Temas Emergentes no Estudo

Da análise dos dados emergiram quatro temas. O *primeiro tema* aponta a *percepção da equipe de enfermagem sobre a participação do pai no processo de nascimento* evidenciando que o “pai acompanha todo processo de trabalho de parto e parto, entrando na sala de parto”; no *segundo tema* emergem os *motivos apontados pela equipe de enfermagem para o pai entrar em sala de parto*, entre os quais destacam que é “bom para dar valor ao que a mulher passa durante o parto, é bom porque transmite segurança para a parturiente e que é obrigação do pai participar do processo de parto”; o *terceiro tema* abarca as *percepções da equipe de enfermagem acerca dos motivos que levam o pai a não desejar participar do processo de parto*, que segundo as entrevistadas “não desejam presenciar o sofrimento de sua companheira, têm medo de “passar mal” na sala de parto, ou ainda pelas informações acerca do parto repassadas na rede social”; o *quarto e último* engloba as *ações de enfermagem em relação a participação do pai no processo de parto*, as quais constam de “estímulo à sua participação por parte de alguns dos entrevistados e não estímulo à participação por parte de outros”.

Tema 1: Pai Acompanha Todo o Processo de Trabalho de Parto e Parto, Entrando na Sala de Parto

A tendência relativa à participação do homem durante o trabalho de parto e parto, caracteriza-se pelo envolvimento espontâneo e gradativo do pai, que a enfermagem enfatiza e expressa como importante.

“Quando eu comecei a trabalhar eles não vinham, às vezes ficavam lá embaixo, nem entravam, ficavam na portaria, só ficavam sabendo no outro dia, ou vinham e traziam a paciente e no outro dia vinham vê se tinha nascido ou não, mas agora não, eles ficam ali firme, junto com ela.” (E2).

“O que eu tenho prá falar sobre isso, é que os pais, a maioria quer participar, a maioria quer ajudar, eles entram em sala de parto.”(E3).

Através dessas colocações percebemos que os homens estão expressando seu desejo em estar com sua companheira no processo de nascimento. A manifestação desse desejo parece expressar a modificação de estereótipos de masculinidade e feminilidade no âmbito familiar e social como já referenciado em trabalhos de Romalis (1981) e Montgomery (1997).

A participação do pai durante o parto, está tendo um crescimento gradativo segundo a opinião das entrevistadas. E, os extratos de depoimentos apresentados abaixo ilustram essa afirmação:

“A maioria dos papais acompanha o parto, entra em sala de parto. [...] isso tá acontecendo agora, de alguns anos prá cá, de alguns anos prá cá que os papais estão mais liberais, mais abertos.”(E1)

“A maioria expressa vontade, às vezes a gente nem precisa perguntar [...] a maioria eles vão, eles querem, dizem que querem participar, querem tá junto, né [...] e isso tá aumentando com o passar do tempo.”(E2)

A análise dessas falas aponta que os homens mostram iniciativa e estão mais envolvidos no que diz respeito ao processo de parturição. Portanto, o estímulo por parte dos profissionais, é importante para a efetivação dessa tendência de mudança de postura dos pais em relação à sua participação no parto. O estudo evidenciou, através da observação-participante, que em algumas situações os membros da equipe não estão sensibilizados e preparados para intervir de forma adequada para satisfazer as necessidades do pai e da mãe.

Desta forma, consideramos que a enfermagem precisa sensibilizar-se para a necessidade de “ouvir” os desejos da gestante e seus familiares. Muitas vezes, em vista da banalização do cotidiano são consideradas, em primeiro lugar, as rotinas da unidade em detrimento do que deve ser o foco central da enfermagem: o paciente/cliente, considerando-se os apontamentos de Leininger (1991) que afirmam que *“o cuidado é o foco central e unificador da enfermagem”*.

Tema 2: Motivos Apontados Pela Equipe de Enfermagem Para o Pai Entrar em Sala de Parto

Através das falas das entrevistadas podemos perceber que acreditam na necessidade dos homens vivenciarem o processo de nascimento para assim valorizar a mulher enquanto mãe, pois ao compartilhar com sua companheira o momento do nascimento sentirá indiretamente as “dores do parto” e saberá como é ter um filho.

“vários assistiram o parto na sala, muito bacana, muita emoção, eles viram realmente o que é ter um filho, né, tudo o que a mulher passa” (E1).

“Eu acho legal, eu acho que é bom, porque pelo menos eles vê o trabalho de parto de uma mulher, porque muitas vezes têm homem que acha que é só chegar aqui e ganhar o nenê, e ir embora e tá pronto” (E4).

A idéia de sofrimento durante o trabalho de parto está embutida no dia-a-dia das pessoas, e parece-nos que existe, por parte da equipe de enfermagem, a necessidade de mostrar ao homem que a mulher sofre para ter um filho. A concepção do parto como espaço de sofrimento vem perpassando os tempos, sua origem deu-se no surgimento da humanidade quando o Senhor Deus disse a Eva: *“Multiplicarei os sofrimentos de teu parto, darás a luz com dor teus filhos [...]”* (Gênesis, 3-16). Essa crença é transmitida entre as gerações e até os dias de hoje tem uma representação significativa na vida das pessoas.

Por outro lado, o pai/companheiro na sala de parto é um elemento de apoio importante para a mulher, pois ela sentirá maior segurança se estiver ao lado de alguém em quem confia, ainda mais pelo fato de encontrar-se em um local estranho e, muitas vezes, hostil. Nossas entrevistadas também valorizaram o papel do homem nessa ocasião.

“Acho muito importante porque transmite segurança para a paciente, ela fica mais tranqüila vendo que o esposo está do lado, né [...] e ela precisa de alguém que transmita calma na hora, segurança” (E2).

“Eu acho importante o pai participar [...] (para) estar dando um apoio pra mãe”. (E3)

O papel do pai na sala de parto, segundo essas entrevistadas, é oferecer apoio físico e emocional à parturiente, para que ela sinta segurança e tranquilidade. Para isso basta estar ao lado, segurar a mão, ou seja, vivenciar o momento de forma completa, estar ali por inteiro. Neste sentido, acreditamos que a possibilidade de oferecer tudo isso à companheira poderá estar contribuindo para o “nascimento” de um novo homem, um outro pai.

A idéia do compromisso, do dever do homem em “ter” que participar do momento do parto é marcante nas falas das entrevistadas. Manifestam-se como se a participação do pai no processo de nascimento ocorresse apenas para cumprir um papel social e nenhum tipo de sentimento e/ou emoção estivesse envolvido. Observemos o que nos falam algumas das entrevistadas:

“Pai é pai, tem que acompanhar”. (E1)

“Eu acho que nesse ponto da participação do homem melhorou muito, afinal de conta o filho é dos dois, e porque a mulher tem que passar por tudo isso sozinha? É importante a colaboração do homem, né”. (E2)

Na visão da equipe de enfermagem a colaboração/participação do homem realmente é importante, por motivos nem sempre semelhantes aos dos próprios protagonistas do parto. Consideramos que o casal deve estar disposto a compartilhar o momento do parto entre si. Assim, sob nosso ponto de vista, é este desejo que deve ser o norteador das ações da equipe em relação à participação ou não do pai durante o nascimento. É preciso que ambos (parturiente e seu companheiro) sintam-se felizes e satisfeitos por dividirem essa ocasião, o que trará benefícios para ele, para a mulher e para o bebê que virá a nascer.

Tema 3: Percepções da Equipe de Enfermagem Acerca dos Motivos que Levam o Pai a Não Desejar Participar do Processo de Parto

A equipe acredita que os pais/companheiros não manifestam vontade de entrar em sala de parto porque não desejam presenciar o sofrimento de sua companheira. Verifique as falas a seguir:

“alguns não querem, alguns já sabem como é, não tão a fim de ver a mulher sofrer, passar aquela coisa toda”. (E1)

“Mas hoje teve um senhor que não quis. ‘Não, não eu não vou, tenho medo, não, eu não gosto de ver ela sofrendo’”. (E3)

Presenciar o sofrimento de alguém que gostamos nos faz sofrer também e o medo de não suportar a dor vivenciada pela mulher é um dos motivos apontados pela equipe de enfermagem que levam o homem a permanecer do lado de fora da sala de parto.

Na ocasião do parto o sofrer é representado pela dor física que a parturiente apresenta no momento das contrações uterinas. Concor damos que é muito difícil ver alguém com dor e sentir-se inútil, sem ter como ajudar, porém se as pessoas soubessem a verdadeira causa das “dores do parto” talvez pudessem vivenciá-las com maior tranqüilidade. E, na verdade, o pai em nenhum momento é inútil na sala de parto, pois o estímulo que ele pode passar a sua companheira é um elemento importante para o parto ser vivido de uma maneira menos dolorosa e compartilhada.

As entrevistadas referiram que o número de pais que não desejam entrar em sala de parto é mínimo e quando isso acontece é por medo de desmaiar, principalmente pelo fato do parto estar relacionado com presença de sangue.

“Olha, digamos que de quinhentos pais, um ou dois não querem entrar em sala, mas isso oh ou porque eles não podem ver sangue, porque eles têm medo de desmaiar na sala de parto, essas coisas assim. E tem pessoas que não podem ver, que acham que vão passar mal” (E2)

Segundo alguns integrantes da equipe de enfermagem, existe o medo de desmaiar, porém este fato nunca veio a ocorrer no hospital onde atuam.

Mais uma vez, percebemos a importância de a enfermagem estar atenta e compreender os motivos que levam o pai a não acompanhar o parto. No caso citado acima, por exemplo, o medo de sangue poderia ser superado se alguém falasse ao pai que ele ficará na cabeceira da mesa de parto, ao lado de sua mulher e, desta forma, não irá ver sangue. Essa prática como já vimos anteriormente, é descrita por Leininger (1991) como uma repadronização/reestruturação cultural do cuidado, que visa modificar padrões cognitivos das pessoas, que por sua vez, possui uma base cultural, porque mesmo sendo voltada para mudar atitudes dos indivíduos, ela preserva os valores e crenças de cada um deles.

As normas e práticas de vida das pessoas são aprendidas, compartilhadas e transmitidas de geração em geração e são essas que orientam as decisões de um determinado grupo social. Isso é confirmado quando nos referimos ao trabalho de parto e parto, pois quando ele é vivenciado de uma maneira não prazerosa, esse aprendizado é repassado para as demais pessoas do grupo cultural exercendo influência na decisão dos homens em não desejar acompanhar a parturiente durante o parto.

“Pra ti vê que o pessoal lá fora faz um horror, fala horrores de um parto, é uma coisa de outro mundo, quando é uma coisa tão natural, eles mesmo reconhecem isso depois do parto, eles falam: ‘bá, não foi o que me falaram [...]’”(E2)

Acreditamos que quando o pai é convidado a participar do parto é necessário que ele seja orientado que poderá sair da sala de parto quando sentir necessidade. Desta forma, ele ficará mais tranquilo, e talvez, o que estava impedindo-o de acompanhar sua mulher seja superado.

Como vimos na fala das entrevistadas, há ocasiões em que os pais percebem que na realidade o parto não é o que pensavam, porém para isso acontecer precisam ter a possibilidade de participar/acompanhar o momento do parto.

Tema 4: Ações de Enfermagem em Relação à Participação do Pai no Processo de Parto

Alguns integrantes da equipe de enfermagem apontam que são favoráveis à participação do pai na sala de parto e por esse motivo estimulam o companheiro da parturiente para acompanhá-la.

Percebemos que o estímulo referido por elas resume-se ao ato de perguntar ao pai se deseja entrar na sala, se a resposta for negativa, não há nenhum questionamento sobre qual o motivo que o levou a essa decisão.

Neste sentido, uma mudança de postura, por parte da equipe de enfermagem, poderia contribuir para o entendimento do verdadeiro motivo pelo qual alguns homens não desejam acompanhar suas mulheres e, desta forma, poder-se-ia contribuir para que ele refletisse sobre sua decisão, talvez mudando alguns conceitos sem desqualificar suas opiniões e valores.

“Alguns pais a gente pergunta se vai assistir o parto, se conversou com o médico, não tá havendo problema, né” (E1)

“Às vezes tem uns que ficam quietinhos, intimidados, aí a gente pergunta ... se ele é uma pessoa tranqüila, que sabe que vai dar força, que vai ajudar, a gente faz questão que vá junto” (E2)

“Eu digo, quer entrar? Eu também sempre induzo eles a entrar, eu acho importante, eu gosto que eles participem” (E3).

Cabe ressaltar que na ocasião de nossas práticas em unidade obstétrica, enquanto realizávamos observação participante, nos deparamos com várias situações em que a parturiente foi encaminhada

para a sala de parto sozinha, sem haver nenhum questionamento por parte da enfermagem para com os familiares em relação ao desejo deles em acompanhar o parto. Pensamos que a parturiente deve sempre ser indagada sobre qual a sua opinião em relação a essa prática, dessa forma a enfermagem poderá estar prestando uma assistência culturalmente congruente.

Essa constatação é confirmada nas entrevistas quando alguns membros da equipe de enfermagem referem que não fazem questão em estimular o homem a participar do momento do parto, juntamente com sua companheira. Verifique os depoimentos que seguem:

“[...] então, se o marido tá muito nervoso a gente até nem faz questão que ele entra junto, né?” (E2).

“E a gente só manda pra dentro se o marido pede, né? Se ele não pede, o medico não manda perguntar se eles querem” (E4).

Percebe-se, a partir destes depoimentos, que a enfermagem estabelece uma representação de hierarquia dentro da equipe de saúde, em que o médico detém autoridade e comando. Assim, se o mesmo não mostra interesse em saber a opinião do pai ou não permite a sua presença na sala de parto, a enfermagem será subserviente à sua decisão.

Considerações

Finais

Através do estudo que realizamos conhecemos as situações em que o pai é ou não estimulado pela equipe de enfermagem a participar do trabalho de parto e parto. Percebemos que os elementos dessa equipe baseiam-se no comportamento do pai para direcionarem suas práticas. Deste modo, só são convidados para entrar em sala de parto os homens que estiverem calmos e colaborativos. Parece-nos que acompanhar a mulher, nesse momento, é um privilégio do homem que possui os atributos que a equipe considera como adequados para poderem vivenciar o nascimento.

Cabe ressaltar, que com este estudo, percebemos o médico como o profissional que detém o poder de decisão acerca da entrada ou não do pai em sala de parto e a equipe de enfermagem é subserviente à sua opinião. Por essa razão, acreditamos que além da necessidade de mudança na postura da equipe de enfermagem em relação à sua interlocução com os demais profissionais que assistem à paciente, o médico poderia ser um aliado importante para estimular o pai a vivenciar com sua mulher o momento do nascimento do seu filho.

Desta forma, o preparo do pai deveria iniciar durante a assistência pré-natal, possibilitando solucionar dúvidas e resolver alguns dilemas que o impossibilitariam de acompanhar o parto.

Ao realizarmos uma análise do que observamos em campo de prática e dos depoimentos das entrevistadas, podemos dizer que há um descompasso entre o pensar e o fazer. As entrevistadas relatam que, na maioria das vezes, o pai entra em sala de parto e se ele não estiver agitado é estimulado para que acompanhe sua mulher, porém esse discurso não condiz com o que é realizado, pois durante nossas aulas práticas, não observamos esse tipo de atitude.

Não encontramos resposta para a razão dessa divergência entre discurso e prática. Talvez, seja a tensão do momento do parto que direciona a atenção da equipe de saúde para a parturiente e, mesmo acreditando que o pai deveria estar ao lado da mulher, "esquecem" de convidá-lo para entrar em sala de parto. Outro motivo para este fato, pode ser a incorporação da humanização da assistência no discurso dos elementos da equipe de enfermagem quando externam a importância de uma prática que seria a ideal, porém, não a desenvolvem.

O estudo explicita a representação de que o sofrimento é algo inerente ao parto e de que há necessidade de mostrar ao homem que a mulher sofre para ter um filho. Assim, parece-nos importante a reflexão com a equipe de enfermagem, tanto no âmbito do seu trabalho como nos espaços de formação e educação continuada, a respeito dessa representação. O estímulo à participação do pai no processo do nascimento de seu filho nos parece que deve estar pautado na garantia de um direito do casal e não como um castigo.

Cabe ressaltar que a equipe de saúde, sob nosso ponto de vista, deveria interessar-se pelos motivos que levam o pai a desejar ou não participar do momento do parto, pois desta maneira poderá prestar uma assistência ao “casal grávido” de forma humanizada, respeitando seus valores, crenças e costumes, realizando assim, um cuidado culturalmente congruente.

Por fim, lançamo-nos o desafio de buscarmos outras investigações sobre a opinião do pai em participar ou não do processo de parturição. Assim, poderemos aumentar nossos conhecimentos e, como profissionais da saúde, prestaremos cuidados de forma a não causar descontentamento aos indivíduos envolvidos nesse processo. Dessa forma, também seria possível comparar os depoimentos da equipe de enfermagem com o dos pais, verificando-se assim, se os motivos que a equipe aponta como decisivos para o pai entrar ou não em sala de parto condizem com a opinião desses.

Bibliografia

BÍBLIA. Gênesis. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução de Padre Antônio Pereira Figueiredo. 115.ed. Rio Grande do Sul: Edelbra, 1979. cap.3 ver.16. p.05.

ARRUDA, A. Um atendimento ao parto para fazer ser e nascer. In: BRASIL. Quando o paciente é mulher. *Relatório do Encontro Nacional de Saúde da Mulher: um direito a ser conquistado*. Conselho Nacional dos Direitos da Mulher – CNDM. Brasília: Ministério da Justiça, 1989.

KITZINGER, S. *Mães: um estudo antropológico da maternidade*. Lisboa: Presença, 1978.

LEININGER, M. M. *Culture care diversity & universality: a theory of nursing*. National. New York: League for Nursing Press, 1991.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. D. A. *Pesquisa em educação: abordagem qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MACY, C.; FALKNER, F. *Gravidez e Parto: prazeres e problemas*. Tradução de Jamir Martins. São Paulo: Harper e Row do Brasil, 1981.

- MALDONADO, M. T.; NAHOUM, G. C.; DICKSTEIN, J. *Nós estamos grávidos*. 6.ed. Rio de Janeiro: Bloch, 1985.
- MINAYO, M. C. de S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 11.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 3.ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1994.
- MONTGOMERY, M. *O novo pai*. São Paulo: Gente, 1997.
- NAKANO, Ana Márcia Spanó; SHIMO, Antonieta Keiko Kakuda. Espaço destinado ao homem nos cursos de orientação pré-natal. *Revista Femina*, v.23, n. 7, p.657-60, 1995.
- NORONHA, D. T.; LOPES, G. P.; MONTGOMERY, M. *Tocoginecologia psicossomática*. São Paulo: Almed, 1993.
- ROMALIS, S. et al. *Childbirth, alternatives to medical control*. Austin/Texas: University of Texas Press, 1981.
- SOIFER, R. *Psicologia da gravidez, parto e puerpério*. Tradução de Ilka Valle de Carvalho, 6.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980.
- TRACTENBERG, M. *Os casais grávidos: entre fantasias e realidades, nas diferentes modalidades dos casais*. Disponível em: <www.alternex.com.br/~mtractemberg/casaisg.htm> Acesso em 23. abr. 2000.
- TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativas em educação*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1987.

Contato com o autor: isabel@unijui.tche.br